

Sarney critica greve de jornalistas

15 ABR 1989

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney criticou ontem, em seu programa semanal "Conversa ao pé do rádio", a ameaça que teria sido feita por lideranças sindicais dos jornalistas de Brasília, em greve há dois dias por questão salarial, de "invasão do jornal com um comando encapuzado e quebrar todas as máquinas". Segundo Sarney, "os segmentos da sociedade brasileira não podem se comportar alheios à co-responsabilidade de todos na construção do País, quer sob o ângulo econômico, quer sob o ângulo político". Os proprietários dos jornais de Brasília negaram ontem, no entanto, que tenha existido esta ameaça.

O Vice-Presidente do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, Bartolomeu Rodrigues, rece-

bido por Sarney no Palácio da Alvorada cinco horas depois de o programa ter ido ao ar em cadeia nacional de rádio, revelou que o Presidente admitira que errou ao acusar as lideranças sindicais dos jornalistas. Na audiência, segundo Bartolomeu, o Presidente admitiu que cometia um equívoco, lamentou o incidente e disse que recebera a informação dos patrões, antes de prometer que faria uma retratação pública no programa da próxima sexta-feira.

Segundo Sarney explicou ao sindicalista, normalmente o programa é redigido pelo jornalista Luiz Gutemberg, mas nesta semana foi outro Assessor do Palácio do Planalto, Napoleão Sabóia, que preparou o texto. Na noite da última quarta-feira, Sa-

bóia havia se encontrado com um empresário brasiliense e, no dia seguinte, transmitiu a Sarney a preocupação dos proprietários de jornais com a prática de violência durante a greve.

O Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal divulgou nota sobre o incidente, na qual protesta contra as declarações do Presidente: "O Presidente José Sarney, que é jornalista e proprietário de meios de comunicação, não cumpriu com seu dever ético de apurar a veracidade dos fatos, lição elementar para qualquer iniciante. O Sindicato (...) repudia com veemência as afirmações feitas pelo Presidente da República e informa que já está tomando as medidas judiciais cabíveis para o pleno restabelecimento da verdade dos fatos".



Sarney: contra a violência sindical

Arquivo/15-02-89

Donos dos jornais negam as ameaças

BRASÍLIA — Os responsáveis pelos três maiores jornais da Capital federal — "Correio Braziliense", "Jornal de Brasília" e "Correio do Brasil" — disseram ontem que não receberam ameaças de invasão de suas redações, conforme denúncia feita pelo Presidente Sarney.

— A única ameaça que recebemos foi do Presidente da Federação dos Jornalistas, Armando Rolemberg, por telefone, contra nossos editores — revelou Ronaldo Junqueira, Editor do "Correio Braziliense".

O fato foi, inclusive, publicado na primeira página do "Correio" de ontem. Segundo a nota, o Presidente da Fenaj chegou a telefonar para editores do jornal, ameaçando-os fisicamente. O texto publicado na primeira página do "Correio" informa, ainda, que Armando Rolemberg é funcionário da empresa S.A. Diário

de Notícias, mas há três anos cumple mandato sindical sem comparecer ao trabalho.

Ao informar a continuação da paralisação de dois dias dos jornalistas, o "Correio Braziliense", jornal de maior circulação na cidade, nega, no entanto, que, em qualquer momento, as instalações e o patrimônio do jornal tivessem corrido risco.

O diretor responsável pelo "Jornal de Brasília", Fernando Câmara, também disse desconhecer tais ameaças. Ele relatou que o único fato do qual tomou conhecimento foi a atitude pouco amistosa de alguns piqueteiros em frente ao jornal. No "Correio do Brasil" a ameaça de invasão também só foi conhecida através do pronunciamento do Presidente em seu programa radiofônico, segundo o Diretor Mário Athayde.

PRESIDENTE AFIRMA QUE A DEMOCRACIA ESTÁ SENDO AMEAÇADA POR GRUPOS RADICIAIS

'As confrontações não podem ultrapassar os limites do ordenamento jurídico'

Eis a íntegra da fala do Presidente José Sarney em seu programa "Conversa ao pé do rádio" de ontem.

"Brasileiras e brasileiros, bom-dia. Aqui vos fala, mais uma vez, nesta sexta-feira, dia 14 de abril de 1989, o Presidente José Sarney, na nossa costumeira Conversa ao pé do rádio, dialogando e informando o nosso povo sobre os problemas nacionais. Quero ressaltar dois fatos importantes desta última semana. O primeiro deles foi o lançamento do programa Nossa Natureza, que se destina a proteger a ecologia, evitar o desmatamento, o fogo, a poluição dos nossos rios, a destruição de nossa fauna, de nossa flora, a proteção às populações indígenas e extrativistas, bem como de todos aqueles que trabalham com a terra. O programa visa também esclarecer normas políticas e desencadear ações, coordenar, num trabalho conjunto, todos os órgãos, não só os do Governo como também aqueles particulares e a comunidade científica que se interessam pelo meio ambiente. Realmente, este tema é hoje um tema muito presente em todo o Mundo e será tema de discussão mais permanente no futuro.

"Todos nós temos a obrigação de proteger a nossa natureza. O homem, através dos séculos e marcadamente com a civilização industrial, está aquecendo a atmosfera com toneladas e toneladas de detritos industriais, provocando chuvas ácidas que destroem florestas, poluindo, mexendo com rios e mares, enfim, provocando uma mudança substancial no planeta, afetando o clima e ameaçando as gerações futuras.

"Temos colocado a questão ambiental em termos racionais. Sabemos que este é um problema do Governo, mas é, sobretudo, um problema de consciência, da consciência nacional. Todos, todos mesmo, devem ter a consciência de que não devemos depredar a natureza. Devemos preservá-la, conservá-la,

para não perdê-la. Devemos manter, nas escolas, cursos de educação ambiental. Devemos formar as pessoas para que elas respeitem a natureza, tenham amor por ela.

"Este assunto, nós também compreendemos que tem uma conexão internacional. Final, todos nós somos passageiros na Terra, este planeta que gira no infinito, onde a vida existe como uma grande graça de Deus. Nós não podemos destruí-lo. Somos todos irmãos nesta aventura do homem. Assim, é um crime contra a humanidade investir-se na autoridade de destruir a vida, como fazem, por exemplo, os grandes, que detêm arsenais nucleares capazes de varrer a vida na face da Terra e mesmo destruir a Terra.

"Neste terreno da ecologia, como sempre temos afirmado e praticado, o Brasil está disposto e aberto à colaboração internacional. Participamos já de muitos organismos multilaterais, de vários fóruns internacionais, e estamos prontos a participar cada vez mais. Cabe-nos não podemos ficar no banco dos réus sem culpa nenhuma, vítimas de uma campanha que é infame no Brasil. Este fato é inédito na convivência internacional aquilo que estão fazendo com nosso País. Esta é uma conduta inaceitável e todos os brasileiros devem estar unidos para repelir essas afrontas.

"O programa Nossa Natureza é uma demonstração a mais de que estamos prontos a usar a nossa liberdade de decidir soberanamente na proteção das nossas riquezas naturais, do nosso belo território. Essa responsabilidade, ela é nossa e nós não podemos, jamais, nos demitir dela. E devemos sempre assumir essa responsabilidade com determinação. Hoje, o Brasil tem cerca de dez por cento de seu território ocupado por reservas indígenas, dezenas e dezenas de parques florestais, florestas nacionais, medidas de lei de proteção à natureza, e nossa Constituição tem um capítulo de meio ambiente, o mais avançado no direito constitucional moderno.

Assim, o programa Nossa Natureza é um marco extremamente importante. Nele, o Governo vai dar continuidade, agora redobrada, às ações que se destinam a preservar o meio ambiente.

"Outro fato importante desta semana foi a inauguração do primeiro trecho da ferrovia Norte-Sul, essa estrada que eu considero a estrada da unidade nacional, da integração do País, o elo que vai dar condições ao Brasil central de produzir mais e mais, transformar em um dos maiores celeiros do Mundo. Basta dizer, para se verificar a potencialidade dessa área, que quando saímos com o nosso trem para inaugurar a estrada, viajando 12 horas de Imperatriz a São Luís, atrás de nosso comboio já vinha um outro, repleto de toneadas de grãos. Os armazéns à beira da estrada já estão todos lotados. A estrada deve transportar este ano mais de 400 mil toneladas. Em toda a região há um novo clima. Todos já começaram a plantar, abrindo novas áreas, e dentro de breve ali teremos um grande e novo polo de desenvolvimento do País.

"Basta dizer, para se verificar a potencialidade dessa área, que quando saímos com o nosso trem para inaugurar a estrada, viajando 12 horas de Imperatriz a São Luís, atrás de nosso comboio já vinha um outro, repleto de toneadas de grãos. Os armazéns à beira da estrada já estão todos lotados. A estrada deve transportar este ano mais de 400 mil toneladas. Em toda a região há um novo clima. Todos já começaram a plantar, abrindo novas áreas, e dentro de breve ali teremos um grande e novo polo de desenvolvimento do País.

"Ali há, como eu disse, um novo clima. Todos já pensam em ampliar as suas áreas, plantar mais. E já estão plantando mais em Imperatriz, Açaílândia, João Lisboa, Santa Inês, em toda a margem da estrada. Sentimos a felicidade do povo, multidões que aplaudiam, agradeciam e sentiam que um tempo novo está sendo inaugurado. Desejo agradecer ao povo de Imperatriz, de Açaílândia, de João Lisboa, de Santa Inês e de toda aquela região, de toda a margem da estrada, a maneira carinhosa com que nos recebeu e nos apoiou.

"A Norte-Sul é a redenção, em curto prazo, não somente daquela área, mas do Brasil. Ela abre a segunda etapa daquilo que sonhou Juscelino Kubitschek quando transferiu a capital para Brasília e mudou a mentalidade do País. O sonho do Brasil caminhando para o Centro-Oeste, aproveitando o cerrado e criando uma nova civilização.

"Agora, uma palavra sobre a situação nacional. Quando foi votada a nova Constituição, eu tive a oportunidade de dizer que ela criava uma nova federação, dava novos poderes ao Congresso, novas atribuições aos Estados, às prefeituras. Poderes de Governo. E, portanto, tinha que mudar o relacionamento entre os poderes. Tinha que ser construída uma nova integração administrativa entre o Executivo e o Legislativo, sob pena de o País ficar ingovernável.

"Agora, estamos em plena guerra para implantar o Plano Verão. O Congresso é co-responsável pela estabilidade econômica. Pelos poderes que ele adquiriu, ele também decorre a estabilidade política. Ele não pode ser levado a ver as coisas como Governo e oposição somente. O Brasil necessita, para vencer seus problemas, da visão de uma responsabilidade solidária. Por outro lado, os segmentos da sociedade brasileira não podem se comportar alheios à co-responsabilidade de todos nos na construção do País, quer sob o ângulo econômico, quer sob o ângulo político, porque o Brasil, como eu tenho dito e repetido muitas vezes, começa no seu povo.

"Quero dar um exemplo, um exemplo bem recente. Nós tivemos em Brasília uma greve no setor de imprensa. As negociações salariais não chegaram a bom termo. Ante o desacordo, os representantes da área sindical ameaçaram invadir o jornal com um comando encapuzado e quebrar todas as máquinas. Ora, após 20 anos de regime autoritário, a sociedade brasileira teve como modelo politi-

co a democracia liberal. Os partidos políticos que se achavam banidos e clandestinos foram legalizados, reincorporados à vida institucional. A minha paciência, minha transigência, o meu espírito democrático tem sido um exemplo para que todos possamos levar a bom termo a transição. O movimento sindical, por sua vez, readquiriu a liberdade de ação para participar das lutas trabalhistas, o direito de greve foi restaurado, enfim, foram criadas condições para que as diversas categorias profissionais exprimissem e defendesssem suas reivindicações com o amparo das leis.

"O pressuposto fundamental do projeto democrático implantado pela Nova República era, é e será a adesão das forças políticas e dos movimentos sociais ao regime pluralista, ao Estado de Direito essencialmente liberal que o País adotou e que foi sacramentado pela nova Constituição. Houve, pois, um consenso nacional sobre o regime político reinstaurado no País. Consenso que é a marca das grandes democracias ocidentais. Nós fizemos uma opção pela democracia.

"Ora, este consenso de base, indispensável ao funcionamento estável de uma sociedade democrática, pluralista, não pode ser colocado em questão por grupos radicais que se utilizam dos direitos sociais para a prática de atos de sabotagem e de vandalismo contra o patrimônio público e privado. É bom assinalar: o consenso não implica na unanimidade. Ele não é incompatível nem com os conflitos de interesses nem com as divisões partidárias. Aliás, porque, não existe sociedade livre sem conflitos, sem rivalidade de interesses, sem oposição, sem maioria. Numa sociedade democrática o consenso intervém para canalizar as confrontações e as dissensões e torná-las positivas e produtivas. Em suma, uma sociedade pluralista dura pelo consenso que estabelece e progride pela dinâmica dos antagonismos que suscita permanentemente.

"Mas as confrontações, os conflitos de interesse, não podem ultrapassar os limites do ordenamento jurídico que a sociedade se impõe para viver em democracia. Sair do Estado de Direito é, sem dúvida, um caminho perigoso que nos leva a um retrocesso que ninguém deseja. Queremos, lutamos pelo Estado de Direito. O Governo da lei e não dos homens. E, portanto, vamos prestigiar a lei, porque só a lei assegura a cada um de nós o direito de viver em liberdade.

"É precisamente no respeito a esses limites que devem se mobilizar todos os democratas, num momento em que grupos procuram, com atos de desespero, ou ninguém sabe porque, demolir a construção política que todos nós, Governo, Congresso, sociedade civil, empreendemos a partir do histórico movimento de afirmação de nossa identidade democrática, que foi a eleição do Presidente Tancredo Neves. Agora devemos repelir. O projeto democrático só subsiste com a adesão da sociedade. Como pode ter êxito qualquer programa, qualquer Governo, qualquer direção, com um governo irresponsável, com um assembléismo anárquico, tendo ainda todos contra, por ser contra, os partidos, o Congresso, os políticos, os trabalhadores, os empresários, os meios de comunicação, numa flagelação que mantém o País sob pressão de todos os valores contestados? Como podemos então pensar em termos de êxito no avanço da consolidação rapidamente da sociedade pluralista e aberta com essa conjugação de fatores, todos contrários?

"Nem a Suíça, com seus dois mil anos de estabilidade, sairia incólume desse processo. Está é a meditação que peço ao País. Um chamamento à racionalidade e ao bom senso. Aqui fica, portanto, o meu apelo, a minha reflexão. Sei das dificuldades, mas eu não perco a esperança. Não viemos de tão longe para morrer na chapada, como se diz no Nordeste. O Brasil vencerá. Nós vamos vencer. Mas é preciso estarmos alertas e alertar o nosso povo para os perigos. Muito obrigado e bom dia".